Alteração no artigo de Wilson Pizza Junior, Função do executivo. *RAP*, *29*(1): 48-62, jan./mar. 1995

Por motivo de extravio de documento com alterações no texto original, que não chegou à redação da *RAP*, reproduzimos a seguir trecho do referido artigo com os acréscimos solicitados pelo autor.

7. Função do executivo

"(...) Toda uma vida passada sob tensão, aparente ou real, pode ser um bom motivo para a busca de alternativas."

Examinemos, como ilustração, uma situação extrema. Em consagrado trabalho, Émile Durkheim aponta três tipos de suicídio: o egoísta ("os homens não mais percebem a razão de existirem"), o altruísta ("essa razão parece estar além da própria vida") e o anômico (de *anomia*, "sem normas"), o qual "decorre [do fato] de que as atividades dos homens estão desregradas e de que isso os faz sofrer" (Durkheim, E. *O suicídio*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. p. 204). Estados anômicos representam condições sociais propiciadoras da perda de raízes, e tanto podem caracterizar o imigrante com dificuldades de adaptação, como atores sociais cujo padrão de referência venha subitamente a faltar.

Mas o que propicia essas condições?

Durkheim aponta explicitamente para a sociedade centrada no mercado: "... essa liberação dos desejos (de ganhos ilimitados) foi mais agravada ainda pelo próprio desenvolvimento da indústria e a ampliação quase ilimitada do mercado" (1982:202), a qual, entre outras conseqüências, converte o poder governamental, de regulador da vida econômica, em "instrumento e servidor dela" (1982:201). Ora, tais resultados não podem deixar de se manifestar nas relações sociais e de convivilidade e na psique das pessoas, coletivamente reguladas pelo imperativo do ganho ilimitado e do consumo conspícuo, que, como é lícito concluir, criam e fundamentam suas próprias regras e sua própria ética. Assim, segundo Durkheim, "cabe inclusive indagar se não será sobretudo esse estado moral que torna hoje tão fecundas em suicídios as catástrofes econômicas" (1982:203).

E por quê? — perguntar-se-ia mais uma vez. Certamente não há resposta única, linear, isolada; mas, à luz dos propósitos apresentados por Durkheim, pode-se especular a respeito de uma constatação curiosa e intrigante: o insignificante número de suicídios entre judeus ("o fato de se terem preservado tão bem deve-se a que a sociedade religiosa a que pertencem está solidamente cimentada") (1982:121). Tal fato ganha maior significado quando se sabe que muitas mortes acidentais ou mesmo naturais ou decorrentes de estados mórbidos pode-

riam ser classificadas tecnicamente como suicídio, um tipo de suicídio, não importa como o classifiquemos, "moderno".[4] Parece claro que não se está concluindo que a religião é um remédio milagroso contra as rotineiras questões do mundo moderno, mas parece claro também que a substituição de valores substantivos e transcendentais por outra espécie de religião fundada no "dogma do materialismo econômico" (1982:201) perverte o sentido da vida e a noção de ganho e de riqueza, com sinistras conseqüências para os seus praticantes.

" Não é pequena a ironia contida na escalada funcional de sucesso no governo ou nos negócios. (...)"

[4] O termo é empregado conforme proposto por Eric Voegelin, isto é, "gnosticismo da modernidade". Ver Voegelin, E. *A nova ciência da política*. Brasília, DF, UnB, 1979.